

Jorge de Oliveira

O CINEMA EM SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÂN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 557-562

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

100

95

75

25

5

0

Título

**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**

(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição

Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação

Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico

Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

75

25

5

0



Jorge de Oliveira
(CHAIA / Univ. de Évora)

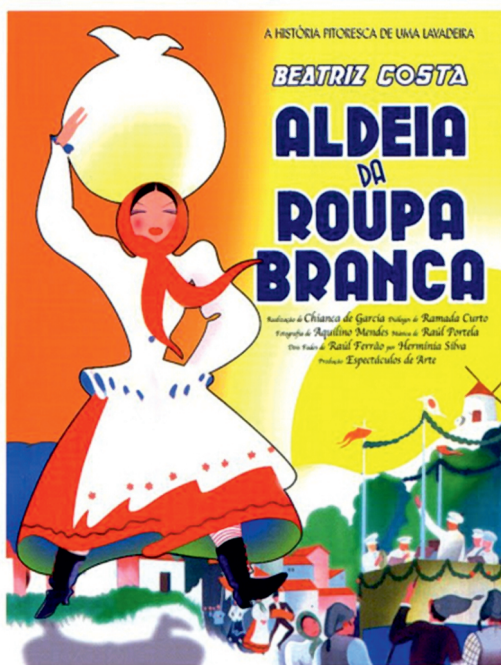
O CINEMA EM SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS

Durante o Estado Novo o acesso à imagem em movimento por estas paragens resumia-se às quinzenais sessões de cinema na Casa do Povo promovidas pelo SNI (Serviço Nacional de Informação). Uma pequena furgoneta com um ou dois funcionários públicos chegavam à meia tarde do sábado à porta do edifício da Casa do Povo. Pachorrentamente iam descarregando a pesada máquina de projectar e banca que a iria suportar. Com a ajuda duns pregos, já enferrujados, iriam sustentar do tecto um lençol branco, demasiadamente enrugado, provavelmente para dar a ilusão de imagens 3D. Montado o "estaminé" iam distribuir pelas tabernas mais concorridas, ou lojas mais visitadas, uns cartazes com imagens da película que nesse dia iria passar.

Distribuída a publicidade esperava-se pelas 21 horas, mais coisa, menos coisa. Logo que sala ficasse compostinha, apagavam-se as luzes da sala grande da Casa do Povo e os ruídos das bobinas começava a soar. Obviamente que antes do filme anunciado passava, obrigatoriamente, um sonolento documentário de propaganda do regime, onde invariavelmente apareciam Américo Tomás a inaugurar uma qualquer infra-estrutura e alguns dos ministros mais activos do governo. Naturalmente, que o desafortunado Ministro Duarte Pacheco, que se antevia como "Delfim" de Salazar, era presença constante nestes prolongados documentários, visitando obras e estradas que o regime ia construindo. Geralmente no fim do documentário prévio à passagem do filme havia uma espécie de condensado de notícias onde as colónias, de uma forma ou de outra, estavam sempre presentes. Recorde-se que estou a referir-me aos tempos em que a Guerra do Ultramar se estava a iniciar.

Meia hora depois do início do documentário, e enquanto se trocavam as bobinas, fazia-se um intervalo. Alguns dos presentes vinham até cá fora esticar as pernas ou dar um saltinho à taberna da Pensão Ribeiro e beber um traçadinho. Como nesse tempo se fumava em todo o lado e as beatas iam directamente para o chão, o intervalo não era para tirar umas fumaças mas sim por questões técnicas. Rebobinado o documentário, instalada a bobina I do filme, apagavam-se duas ou

três vezes as luzes para avisar os que estavam cá fora que o cinema ia ser retomado. A reentrada na sala gerava sempre alguma confusão. Um dos funcionários do SNI ficava sempre à porta e tentava impedir aqueles que se apresentavam só àquela hora do filme, propriamente dito, e fugiram de ter que papar a lavagem cerebral do documentário prévio. Se queres ver cinema de borla tens que papar o documentário de propaganda do regime, era esta a lógica da coisa. Estes funcionários, normalmente da FNAT (Federação Nacional de Alegria no Trabalho) eram, por norma, vistos com alguma desconfiança pela comunidade. Depois de apaziguados os ânimos à entrada, uns invocando que só agora chegaram do trabalho e outros mais com algumas desculpas esfarrapadas, a luz finalmente apagava-se e lá começava o ruído das bobinas antes que as imagens comessem a aparecer, geralmente, logo de início, não muito sincronizadas com o som do filme. Os que cá para trás da sala ficavam viam o filme por entre um filtro de fumo dos que mais à frente se sentavam. As primeiras filas eram, obviamente ocupadas pelos putos da aldeia, embora sempre recomendados pelas mães que viessem mais para trás porque muito à frente fazia mal à vista, dizia-se!



Começa o filme a rodar e um sussurro se levanta na sala, mas este filme já vimos, e os cartazes são de outro filme. Alguma atrapalhão do projectista que se desfaz em desculpas invocando que, de facto, a "Aldeia da Roupas Brancas" já tinha sido rodado em Santo António e o que era para hoje e que os cartazes anunciavam "A Maria Papoila" tinha sido trocado por engano. Gera-se alguma confusão e alguém com voz mais grossa diz que não se importa de ver novamente o mesmo filme. Tranquiliza-se a plateia e o projectista e a passagem do filme recomeça. Todos reagem às cenas como se fosse a primeira vez que as vissem. Novo intervalo para mudança de bobina e a maioria dos homens, porque de facto a assistência era quase exclusivamente masculina, aproveita esse tempo para vir às tra-seiras da Casa do Povo aliviar a bexiga.

A segunda parte recomeça, entre uma cada vez maior cortina de fumo de cigarros e já perto da meia-noite termina mais uma sessão de cinema da Casa do Povo, com a promessa que da próxima vez é mesmo o filme da "Maria Papoila" que será exibido. A taberna da Pensão Ribeiro mantinha-se aberta até ao final do filme porque sempre alguns copitos seriam aviados à saída do cinema. Despedem-se os

cinéfilos com mais um traçadinho, para que a adormeçam mais rapidamente. Bobinas, projector, bancada e tela são desmontados e voltam à viatura que os trouxe e os dois funcionários, cansados de mais um dia de trabalho, já passando da meia-noite põem-se a caminho de Portalegre. Agora é esperar mais 15 dias, e as noites na aldeia são tão longas!

Televisão só há uma, na Sociedade, e dá sempre a mesma coisa as "Conversas em Família", já da fase Marcelista, ou os comentários políticos, teoricamente do contra, do João Couto que já não convencem ninguém. A sala grande da Sociedade onde uma pequena e arredondada televisão Philips está instalada, só se enche quando há tourada, ou algum jogo de futebol. Nos dias de sala cheia, fosse por tourada ou futebol, o Velho Ti Gavancha, com o seu pau de Regedor e o Ti Garlito, funcionário da sociedade, lá tentavam manter o silêncio na sala.

O resto do tempo é passado a jogar às cartas, ao bilhar ou aos matraquilhos. Espera-se que daqui a 15 dias seja mesmo o filme da "Maria Papoila" que venha a ser projectado na sala da Casa do Povo.



Com a Revolução de Abril de 1974 toda uma lufada de ar novo se respira. Os senhores que traziam os filmes à Casa do Povo deixaram de aparecer e em seu lugar começam a aparecer na aldeia pequenas empresas familiares que passam filmes, naturalmente pagos, na sala grande da Sociedade. A liberdade de expressão permite que outras películas comecem a chegar ao interior. Ao contrário dos da Casa do Povo, estes filmes já não obrigam ao documentário prévio, quando muito existe alguma publicidade a outros filmes que proximamente aparecerão na aldeia.

Logo à entrada de Santo António o altifalante montado sobre o tejadilho da furgoneta SHERPA, entre música estridente, vai anunciando que hoje nesta bela terra a empresa Fontelas irá apresentar o famoso filme "Garganta Funda", e acrescenta o publicitário Ti Fontelas, "É um filme colorido a cores, ao intervalo não há intervalo e é um filme sexual". E o Ti Fontelas tinha razão, de facto era colorido, não a preto e branco como eram os da Casa do Povo. Na verdade ao intervalo não havia intervalo, porque ele tinha que rebobinar toda a primeira parte para a bobina original a alta velocidade, mas ele deixava a lâmpada de projecção acesa e

21/1/74

PROGRAMA

EMPRESA CINEMA AMBULANTE

EMPRESA: Cristiano Sousa Torres Fontelas
SARNADAS DE RODÃO

Apresenta no dia 21 de Janeiro de 1974 às 21.30 horas
em S.A. das AREIAS na Sociedade Amadora o seguinte programa:

(MATINÉE) SOIRÉE

Grupo D Para maiores de 10 anos

OS FILHOS DOS 3 MOSQUETEIROS 2 P.	_____ P.
LIE DE EXIBIÇÃO Nº 559	_____ P.
_____	_____ P.
_____	_____ P.
_____	_____ P.

Marvão 21 de Janeiro de 1974
Cristiano Sousa Torres Fontelas

PREÇOS	
3 ^{as} Cadeiras	14 \$
Superior	\$
Gerai	\$

100 - T.P. Grátis

NOTA
Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

tos disponíveis no Largo da Igreja não chegavam para tantas matrículas espanholas. Num desses dias, e lembro-me bem, os espanhóis alugaram um autocarro para virem ver o filme proibido à aldeia de Santo António das Areias. Como a assistência fosse tanta, pela primeira vez na história do cinema ambulante na aldeia, o Ti Fontelas e a mulher, que sempre o acompanhava, dormiram na sua SHERPA para no dia seguinte voltarem a passar "A Grande Farra", tal o número de assistentes que voltaram a encher o salão da Sociedade. Semanalmente lá vinha o Ti Fontelas com mais um filme dos que enchia a sala como "A Prima" e que como ele dizia através do altifalante "Hoje e só hoje, cinema colorido a cores, ao intervalo não há intervalo e é um filme sexual!". E, enquanto os filmes pornográficos foram novidade, o "Cinema Fontelas" que percorria toda esta zona do Alto Alentejo foi dinamizando sexualmente as aldeias mais

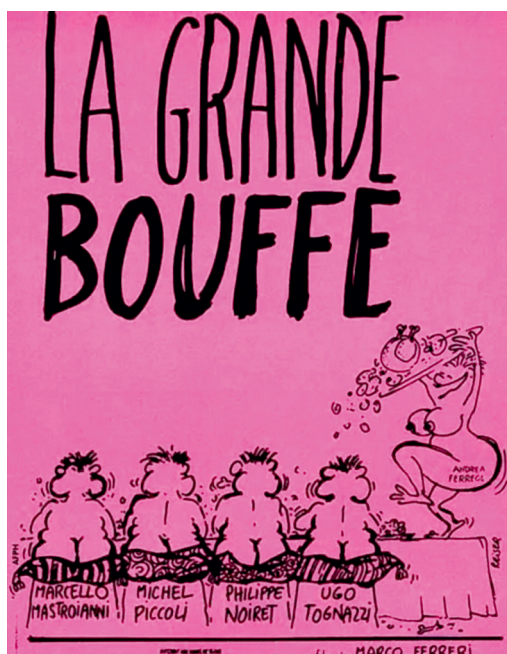
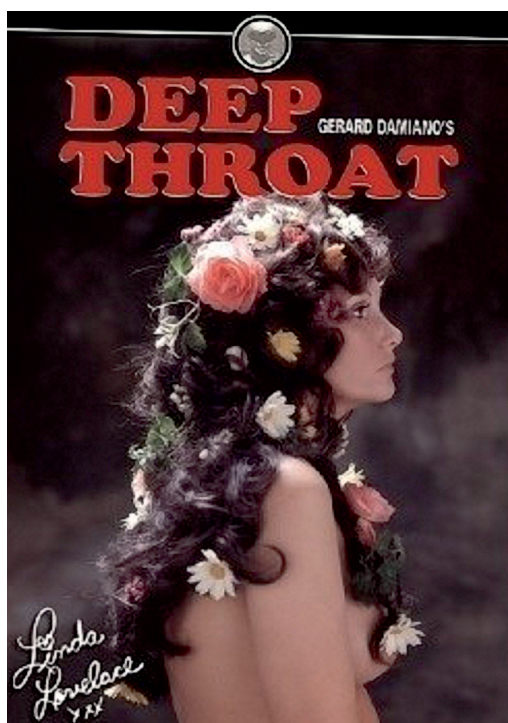
via-se, em imagem acelerada, todo o filme ao contrário. Era a delícia da assistência, sobretudo quando, como ele dizia, "era um filme sexual". Penso que alguns destes novos cinéfilos preferiam o "intervalo sem intervalo" à passagem normal da película.

Estávamos em pleno período revolucionário. Os filmes até aí proibidos por questões morais e outras coisas que tais, podiam agora, sem qualquer censura, ser vistos nos pontos mais recônditos do País. Na vizinha Espanha ainda se viviam tempos de ditadura, onde a moral e a natural censura impossibilitavam que filmes destes passassem livremente, como já acontecia em Portugal. E à medida que a informação se espalha o número de automóveis espanhóis parados à porta da Sociedade de Santo António aumenta. Naturalmente, nos dias em que o Ti Fontelas trazia mais um sucesso de bilheteiras como a "Grande Farra" os estacionamen-

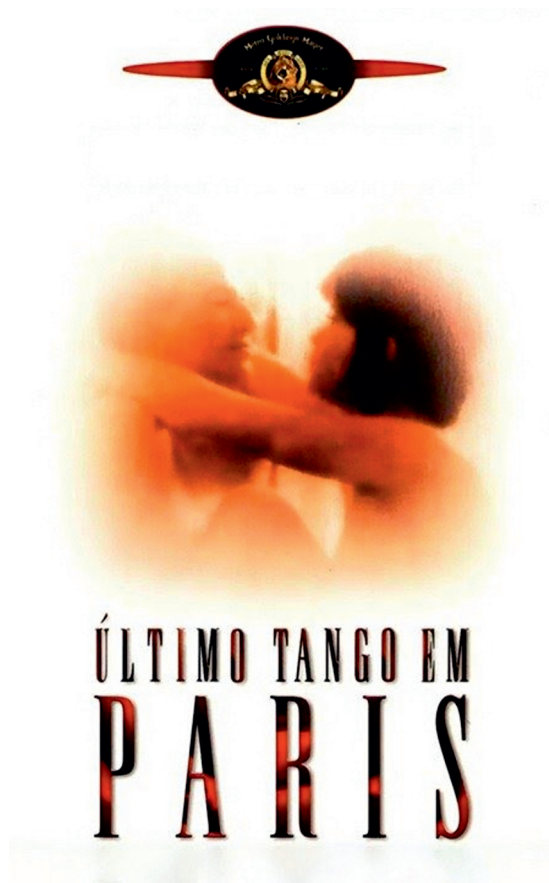


recônditas. Provavelmente, graças ao Ti Fontelas, terá havido algum aumento demográfico nesta altura e nesta região e que os analistas sociais um dia irão atribuir a factores sócio-económicos decorrente da Revolução de Abril.

Nestas sessões de cinema tirando as jovens espanholas, sempre em número reduzido, eram maioritariamente frequentadas por homens. Assim que começava o filme sentia-se um estranho silêncio na sala que se prolongava religiosamente até ao fim. Estava a ver-se aquilo que nunca se tinha visto e que alguns nem imaginavam que fosse possível. Eram autênticas aulas de educação sexual. Mas ao intervalo, o tal que não existia, ao verem passar as imagens de forma acelerada e ao contrário, toda a tensão acumulada ao longo da primeira parte se desbloqueava e os comentários, que todos imaginamos como seriam, surgiam de cada canto da sala. No fim, à saída, o silêncio continuava, cada um regressava a casa e seguramente, já em casa, nada tinha para contar, ou talvez não!



Com o fim da novidade dos filmes pornográficos, a democratização em Espanha e o consequente fim da censura, a freguesia ao Cinema Fontelas começou a baixar. A frequência da sua vinda à aldeia foi-se gradualmente alargando. Por fim deixou de aparecer. Soube-se que algo de grave tinha acontecido no seio familiar do Ti Fontelas que até tiros meteu. Assim, acabaram as sessões de cinema em Santo António. Entretanto o sinal da televisão espanhola começa a conseguir-se apanhar em toda a aldeia por via de um retransmissor clandestino, pago por toda a comunidade, que foi montado no depósito de água e que diversificava os, nessa



altura, ainda só dois canais portugueses. O retransmissor de TV espanhola era o alvo preferido dos inspectores das comunicações em Portugal. Várias vezes tentaram desligar o pequeno aparelho, com pouco mais do que 5W de potência, mas como a população se juntava eles desapareciam. Resolveram os Srs. Inspectores actuar conjuntamente com a autoridade local e lá foi desactivado o emissor que levava até às terras da Beirã o sinal das televisões espanholas, agora já muito mais liberais e divertidas do que as portuguesas, que se reduziam aos cinzentões canais RTP1 e 2. Entretanto começaram a ser vulgarizadas as parabólicas e a informação e o divertimento passou a ter outra dimensão. Mas cinema nunca mais houve, nem na Casa do Povo, nem na Sociedade. E o Ti Fontelas, na sua velha SHERPA, nunca mais voltou a publicitar aos quatro ventos: "Hoje e só hoje, cinema colorido a cores, ao intervalo não há intervalo e é um filme sexual!".